



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Gabriela Gomes Miranda

THE HANDMAID'S TALE: CULTURA MACHISTA E A DESAPROPRIAÇÃO DO CORPO FEMININO

Palmas – TO

2019

Gabriela Gomes Miranda

THE HANDMAID'S TALE: CULTURA MACHISTA E A
DESAPROPRIAÇÃO DO CORPO FEMININO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Sonielson Luciano de Sousa

Palmas – TO

2019

Gabriela Gomes Miranda

THE HANDMAID'S TALE: CULTURA MACHISTA E A
DESAPROPRIAÇÃO DO CORPO FEMININO

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) 2 do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Sonielson Luciano de Sousa

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.e Sonielson Luciano de Sousa

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Cristina D'Ornellas Filipakis

Centro Universitário Luterano de Palmas

Prof. M.e Muriel Correa Neves Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas

Palmas – TO

2019

RESUMO

Sabe-se que a dinâmica de organização da sociedade baseada na cultura do viriarcado e nas práticas machistas, ainda se faz presente na contemporaneidade. Diante disso, esta pesquisa, que possui caráter de pesquisa básica, de objetivo exploratório, e abordagem qualitativa, com método dedutivo e de procedimento bibliográfico, tem como objetivo explicitar, como os comportamentos patriarcais e machistas exercem intensa influência sobre os corpos das mulheres, colaborando para a perpetuação da opressão e da violência ao gênero feminino. Para tal, abordou-se a nocividade do viriarcado e do machismo reproduzida socialmente, demonstrando ainda esta reprodução na primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*.

PALAVRAS-CHAVE: patriarcado; machismo; feminismo; psicanálise; the handmaid's tale.

SUMÁRIO

1 LISTA DE TABELAS	06
2 LISTA DE FIGURAS	07
3 INTRODUÇÃO	08
4 REFERENCIAL TEÓRICO	11
5 METODOLOGIA	26
6 RESULTADOS	28
7 DISCUSSÕES	44
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
9 REFERÊNCIAS	52

LISTA DE TABELAS

Tabela	01-	Episódio	01:
Offred			28
Tabela 02-	Episódio 02:	Aniversário	30
Tabela 03-	Episódio 03:	Atrasado	31
Tabela 04-	Episódio 05:	Fiel	32
Tabela 05-	Episódio 06:	O lugar de uma mulher	33
Tabela 06-	Episódio 09:	A ponte	34
Tabela 07-	Episódio 010:	Noite	35
Tabela 08-	Episódio 08:	Nolite te bastardes carborundorum	37
Tabela 09-	Episódio 07:	O outro lado	39
Tabela 10-	Episódio 08:	Jezebel	41
Tabela 11-	Episódio 01 ao 10		43

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Infográfico referente ao episódio 01_____	
29	
Figura 02- Infográfico referente aos episódios 02, 03, 05, 06, 09 e 10_____	36
Figura 03- Infográfico referente ao episódio 04_____	
38	
Figura 04- Infográfico referente ao episódio 07_____	
40	
Figura 05- Infográfico referente ao episódio 08_____	
42	

1 INTRODUÇÃO

A cultura do patriarcado tem sido responsável por impor comportamentos considerados aceitáveis para os corpos femininos. Quando se faz menção a corpos, diz-se não apenas do corpo como físico/biológico, mas também das performances de comportamentos sociais e psicológicos.

Cesídio e Boris (2007, p. 452) trazem que “a mulher vivenciou o período do patriarcado sob intensa dominação masculina, sendo seu corpo submetido ao prazer e aos desejos do homem.” Assim sendo, é perceptível a falta de apropriação que a mulher tem do seu próprio corpo e existência, uma vez que esta foi tomada pelo outro, do sexo oposto.

O período de colonização brasileira, que teve por caráter de início a dominação dos povos indígenas predominantemente no litoral do Brasil, deu-se por uma ótica totalmente violenta operada com base na fé cristã, que conseqüentemente traz o homem branco e heterossexual como detentor do poder e controle. De acordo com Stevens *et al* (2017), essa dinâmica de apropriação das terras e do povo contribuiu para a naturalização e cristalização da cultura machista que impera até hoje, cujo desfecho há, também, a apropriação do corpo feminino. Vale ressaltar que práticas como estupros, assassinatos e escravizações foram realizadas de maneira natural e corriqueira para com as mulheres indígenas.

Para Almeida (2016), muito se fala sobre condutas femininas no sentido de classificar uma mulher como respeitável e digna de ser considerada mulher. Essas condutas perpassam estilos de roupas, estilos de cabelo e maquiagem, formas de se expressar na fala e nas ações, além da capacidade de abdicar de vivências consideradas prejudiciais e imorais ao sexo feminino.

O corpo feminino, até meados do séc. XIX, era tido como objeto de procriação, e por isso não era aceitável que mulheres sentissem prazer ou liberdade sobre seus próprios corpos (CESÍDIO; BORIS, 2007). À medida que o sistema econômico capitalista foi se instaurando, as mulheres conseguiram alcançar direitos como voto, acesso ao mercado de trabalho e obtenção de métodos anticoncepcionais. Essas conquistas foram de grande significância para a classe feminina, no entanto, como disse Simone de Beauvoir (1967), é necessário sempre estar vigilante já que se houverem crises políticas, econômicas e religiosas, esses direitos conquistados podem ser colocados em xeque – veja-se o atual cenário político brasileiro, que aponta para isto.

A cultura do viriarcado ainda não foi destruída, ora se mostra de forma voraz, ora se mostra de forma sutil. Diante disso, esse trabalho abordará no primeiro capítulo as práticas

patriarcais/machistas que vigoraram e ainda vigoram exercendo influência sobre a vida das mulheres, demonstrando os comportamentos enraizados nas condutas sociais que colaboram para a perpetuação das desigualdades de gênero.

Em seguida, será demonstrado como a mídia, por meio de produções de séries, tem o poder de influenciar os discursos das massas, além de se mostrar como um ótimo meio para a propagação de mensagens que militam pelas minorias oprimidas. Por fim, o terceiro capítulo explicita a relação entre as teorias psicanalíticas e a figura do feminino, trazendo uma reflexão sobre qual o lugar da mulher nos arcabouços teóricos dessa abordagem.

É sabido que as relações de opressão que afetam o gênero feminino são causadas pela dinâmica prevalente em sociedades patriarcais. Esta lógica fez eclodir comportamentos agressivos que não se referem somente à violência física, mas também contam com práticas de caráter vexatório, sendo comum violências psicológicas, morais e patrimoniais, o que tem tornado o ser mulher algo muito difícil e perigoso.

De acordo com dados do Mapa da Violência (2015), “mais de 100 mil mulheres foram assassinadas no país em uma década”, e esses assassinatos têm como motivo apenas o fato de serem mulher, caracterizando o feminicídio como uma das causas que mais matam mulheres no Brasil.

O feminicídio tem como alvo a destruição do corpo (STEVENS, 2017), neste caso “o corpo feminino é visto como um lugar de posse, propriedade de um sujeito, que dissociado da carnalidade, toma decisões e faz escolhas sobre como dispor do corpo e de seus poderes (GROSW, 2000, p. 58 *apud* STEVENS, 2017)”. Tal violência muitas vezes ainda é vista pela sociedade como culpa da própria vítima, mesmo sendo claro que o culpado é a cultura do viriarcado personificada na figura do homem machista.

A culpabilização da mulher por violências sofridas contra si mesmas carrega traços pesados da internalização de julgamentos e imposições do gênero masculino sobre o gênero feminino, que a dinâmica do viriarcado reproduz. Zanello (2017) defende que a ideia propagada considerada “correta” é a de que cabe às mulheres terem cuidado com os homens que vão se relacionar, visto que se elas sofrerem algum tipo de dano ou agressão, foi por consequência de sua má escolha, isentando assim o homem da culpa.

Uma das várias facetas da violência contra a mulher é a do estupro. Essa forma de opressão também parte do princípio de que o corpo feminino pode ser possuído, existindo ainda condições para justificação desse ato. De acordo com a BBC BRASIL (2016), em 2014 a cada 11 minutos um caso de estupro era notificado. Justificativas que atribuem a

culpa do estupro à mulher citam como causa a roupa da vítima, o comportamento “provocante”, a hora em que escolheu sair sozinha e a falta de percepção sobre qual homem se aproximar ou não.

Zanello (2014, p. 43) diz que a ideia naturalizada no imaginário coletivo é de que “elas (as mulheres) ‘merecem’ ser atacadas, ou seja, as vítimas são as culpadas do estupro ou abuso sexual, punição natural àquelas que não seguem as normas”. O que assusta em perceber é que essa naturalização não é reproduzida apenas pelos homens, mas também pelas mulheres.

Diante de todos os argumentos apresentados, viu-se a necessidade de realizar essa pesquisa na tentativa de explicitar o quão nociva as práticas machistas ainda são para as mulheres. Como ferramenta para fazer essa explicitação será usada uma produção midiática, personificada na série *The Handmaid’s Tale*, produzida pela empresa de entretenimento estadunidense HULU. A série traz um enredo que gira em torno de uma nova sociedade extremamente baseada na lógica patriarcal/machista, onde as mulheres são tratadas como meros objetos de posse, sendo destinadas a satisfazer os desejos dos homens.

Visto que o gênero feminino não tem sua liberdade e escolhas respeitadas, sofrendo agressões morais, psicológicas e físicas e ainda sendo culpabilizadas por estas, é necessário demonstrar que uma mulher precisa ter direito de andar como quiser, se comportar como quiser, vestir o que quiser, sair a hora que quiser, sem ser violentada, reprimida ou assassinada. Esta temática é de extrema importância para a Psicologia em geral, para atender os aspectos éticos da profissão, notadamente em relação ao princípio da dignidade e liberdade humana, sem os quais não se pode exercer a Psicologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A DOMINAÇÃO DO CORPO FEMININO PELO HOMEM MACHISTA

Existir em uma sociedade implica ser categorizado em papéis de gênero, definido por Grossi (2015, p.6) como “tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura (...)”. Tanto para as mulheres quanto para os homens, essas formas de ser no mundo são ditadas pela sociedade na qual estão inseridos.

Dentro da sociedade patriarcal, caracterizada como um sistema que beneficia os homens como categoria social em detrimento da opressão das mulheres (DELPHY, 1981 *apud* MORGANTE; NADER, 2014), sempre foi comum associar à mulher comportamentos dóceis, delicados e passivos, bem como a sensibilidade para sentimentos e emoções (OSTERNE e SILVEIRA, 2012). Em contrapartida, ao homem delegou-se a agressividade, razão, altivez e superioridade.

Inscrever a mulher na posição de passividade e o homem na posição de agressividade/superioridade iniciou a chamada lógica patriarcal. De acordo com Follador (2009), o viriarcado estabelece que os homens são os detentores do poder e que as mulheres são apenas meras “figurantes” na construção da história da humanidade.

A lógica do patriarcado não se mostra nociva apenas por delimitar diferenças de papéis para homens e mulheres, mas também por estabelecer uma dinâmica de hierarquização e desigualdade, que afeta diretamente e majoritariamente o sexo feminino (OSTERNE e SILVEIRA, 2012). Tais desigualdades se configuram em formas de opressão que se apropriam do existir feminino.

Falar da opressão masculina sobre o corpo feminino é falar sobre o cerceamento da liberdade do ser mulher, através da qual as expressões da existência feminina precisam obedecer a regras e imposições determinadas pelo próprio homem. Em linhas gerais, Boris e Cesídio (2007) trazem que o corpo feminino é considerado posse do homem, e este corpo está para servir sexualmente, socialmente e biologicamente às suas necessidades. Essa configuração remonta ao período colonial, quando o homem era o provedor da família, e a mulher a cuidadora do lar.

A família patriarcal do período colonial

era o centro da sociedade, pois desempenhava as funções de regulação da procriação, de administração econômica do lar e de direção política da cidade em que vivia, sendo tudo regido pelo homem. As crianças e as mulheres não passavam de seres insignificantes, sem poder expressar suas próprias opiniões e seus desejos, pois apenas deviam obediência ao patriarca (BORIS e CESÍDIO, 2007, p. 457).

Diante dessa “funcionalidade” e estabelecimento de uma “ordem”, viu-se vantagens na perpetuação desse sistema. No entanto, a manutenção dessa dinâmica não se deu somente devido à estabilidade econômica e social citadas anteriormente, mas também por todas as regalias que o gênero masculino tinha acesso. Já que ao homem era permitido se relacionar com quantas mulheres desejasse, além de sua esposa, enquanto para as mulheres tudo era proibido, cabendo-lhes unicamente o cuidado do lar e dos filhos.

À mulher privada de exercer funções externas ao seu lar, pressionada a cuidar de forma impecável dos filhos e marido, sem poder se queixar das injustiças sofridas em relação à esfera sexual por parte deste, ainda tinha mais uma exigência a ser cumprida, a “virgindade” (BORIS e CESÍDIO, 2007). Uma vez que a virgindade feminina era considerada a condição para que uma mulher fosse digna de ser chamada “mulher honrosa”.

A honra feminina representada pela sua não introdução ao mundo sexual antes do casamento, era mais uma característica da sociedade patriarcal direcionada a esfera econômica/privada, uma vez que a virgindade da mulher indicava que não haveria a possibilidade da existência de outros filhos que não fossem os do seu marido (OSTERNE e SILVEIRA, 2012), estabelecendo assim a exclusividade do patriarca.

A característica do Patriarca como líder e detentor das decisões relaciona-se ao ideário cristão. De acordo com os ensinamentos bíblicos, o homem seria o “cabeça da esposa (Efésios 5:23)”, assegurando assim sua superioridade sobre ela. Reimer (2006, p. 74) traz que “a exclusividade da autoridade jurídica do chefe/cabeça da casa estendia-se sobre todos os membros de uma casa e sua família extensa, inclusive sobre os filhos e as filhas adultos e sobre as propriedades de toda a família”. Portanto, o homem tem sua posição assegurada por “Deus” e as “sagradas escrituras”.

O controle da sexualidade feminina se apresenta apenas como uma das muitas formas de posse da cultura patriarcal sobre o corpo da mulher. Corpo este que se vê categorizado como honroso ou não, diante de várias condições. Neste sentido, a mulher honrada, de acordo com o sistema patriarcal, possui características específicas. Tais características englobam roupas, maneiras de falar e se portar socialmente, comportamento sexual, assim como condutas relacionadas à própria maternidade e o exercer desta.

Discorrendo sobre, tem-se que o corpo feminino, na esfera física literal, era visto como um “obstáculo ao exercício da razão” (LIMA, 2010, p. 5), o que em outras palavras significa dizer que ele era o causador das tentações e provocações ao sexo masculino. Essa

afirmação sustenta a ideia de que a mulher se encontra num constante movimento de sedução, o que acaba por colocar o corpo feminino em uma categoria permanente de erotização/fetichização.

Essa postura de estereotipação é usada pelo homem machista como argumento para justificar a imposição de condutas de moral e traje direcionadas às mulheres (OSTERNE e SILVEIRA, 2012). Sendo assim é construído um discurso que demoniza a mulher que usa trajes que revelem em demasia o seu corpo, com peças de tamanhos considerados pequenos e “provocantes”. Esta, por sua vez, passa então a ser descrita como sem honra, sendo chamada e designada como “puta”, simbologia sintática que a coloca numa posição de desmerecimento em relação ao homem, que além de não a querer, possui ainda o direito de violá-la quando for de seu interesse.

A violação do corpo da mulher é feita por parte do homem como mais uma forma de impor sua soberania e poder. A propriedade do corpo que deveria ser de seu próprio dono (a mulher), é tomada pelo sistema patriarcal, havendo uma invasão da privacidade feminina (STEVEN *et al*, 2017). Nesse contexto, a mulher é igualada a um objeto, que poderá ser manipulado pelo seu dono (o homem), servindo aos seus interesses.

Dentro desse cenário de possessividade, a violência sexual/estupro se configura como uma das ações mais intrusivas à liberdade feminina. Uma vez que o macho se apodera do corpo da fêmea sem o seu consentimento, exercendo uma dominação sobre este, na certeza de que possui tal direito, fica nítido o quão hierárquica e desigual a sociedade patriarcal se apresenta para o gênero feminino.

Ainda em relação a essa violação tem-se o fenômeno conhecido como “culpabilização da vítima”, um dos muitos tentáculos tóxicos do machismo exacerbado. A culpabilização da vítima, segundo Stevens *et al* (2017), acontece quando uma mulher que foi violentada/estuprada leva a culpa pela agressão que sofreu. Essa culpa se consolida na ideia que permeia no imaginário social de que uma mulher estuprada pediu para ser estuprada, visto que, ou estava em um local perigoso sozinha, ou estava com uma roupa provocante.

A isenção da culpa do agressor, que nesse caso se configura no personagem do homem, constitui o que se chama de “Cultura do Estupro”. A Organização das Nações Unidas Mulheres (2016) definiu cultura do estupro como “[...] termo usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o

comportamento sexual violento dos homens¹.” Essa inversão de julgamentos tem sido uma das causas pelas quais as mulheres têm deixado de denunciar crimes de agressão sexual.

Outro aspecto de apoderamento do corpo feminino pelo homem, se dá em relação a exigência sobre a mulher de que ela seja mãe. Nunes (2001) traz que a ideia de que a mulher precisa necessariamente cumprir seu destino biológico, ou seja, gerar uma vida, remete a um processo de anulação da escolha e do desejo do gênero feminino em decidir sobre seu próprio corpo.

Essa imposição constitui a conhecida “maternidade compulsória”, na qual é esperado que a mulher deseje e tenha filhos, sendo a falta desse desejo considerado errôneo e estranho. Traduzindo o objetivo de tal exigência, Stevens *et al* (2017, p. 139) diz que “o que está em jogo é a mulher continuar como o grande útero social, com o mito da maternidade compulsória, dos cuidados com a família, da propriedade ao lar.”

Budinter (1985) *apud* Dias e Lopes (2003) apresenta-se contrária ao conceito do mito da maternidade, que é a existência inata de um amor instintivo da mãe pelo seu filho. Para ela, essa crença surgiu como retaliação à mulher que a cada vez mais conquistava espaço no seio familiar para além da função de cuidadora. Sendo então propagada a ideia de que primeiramente a mulher precisava ser mãe e exercer esse papel antes de qualquer outro.

A desvinculação da mulher desses únicos papéis implica no seu avanço em outras áreas que eram dominadas apenas pelos homens, trazendo assim uma resistência do sexo masculino, por não querer ceder espaços para esse público. Um desses espaços é o mercado de trabalho, onde a mulher enfrenta extrema desigualdade em relação ao homem.

Pesquisa recente, realizada pelo Jornal O Globo (2019), apresentou que quanto mais as mulheres se qualificam profissionalmente, mais desiguais são seus salários em relação ao homem que ocupa o mesmo cargo. Ainda se observa a exclusividade de homens em posições de liderança, sendo que as mulheres ocupam apenas 16% desses postos, de acordo com a *Page Executive* (2017).

Este cenário não possui uma explicação científica que categorize a mulher como inferior ao homem, portanto, ele acontece inteiramente apoiado nas engrenagens do viriarcado que define a mulher como menos capaz. Stevens (2017) salienta que todas as

¹Informação retirada do site Justiça de Saia, especificamente na matéria intitulada “Dados sobre estupro são alarmantes: novos números escancaram realidade no Brasil”.

tentativas da população feminina em romper com as opressões sempre culminaram em comportamentos de resistência, sendo eles explícitos ou implícitos, como por exemplo o desmerecimento do fazer feminino no mercado de trabalho.

O MOVIMENTO FEMINISTA

Numa lógica de resposta à histórica opressão masculina (a partir da estrutura patriarcal), surge o movimento feminista ou o feminismo, que é identificado pelo senso-comum como o oposto do machismo. No entanto, sabe-se que não o é, por se tratar de um movimento político que tem como uma de suas premissas a ideia de que homens e mulheres possuem direitos iguais. Tal premissa surgiu em observância à inexistência de um lugar de espaço político, social, financeiro, sexual e libertário para as mulheres, uma vez que tais lugares eram apenas permitidos aos homens (NARVAZ; KOLLER, 2006).

O ideário social, em sua maioria o ideário social masculino, tem criticado e deturpado a imagem do feminismo, reproduzindo discursos simplistas e errôneos, como: “O feminismo é só uma desculpa para as mulheres não se depilarem!” ou “O feminismo só serve para as mulheres mostrarem os peitos nas ruas!”, ou ainda “Feminismo é coisa de mulher que não foi bem comida!”.

Esses discursos surgem devido ao fato de que as mulheres que se declaram pertencentes ao movimento são mulheres que demonstram no fazer da sua existência atitudes extremamente carregadas de liberdade. Liberdade é uma palavra chave no arcabouço de objetivos das práticas feministas, visto que um de seus desejos é que as mulheres possam ser livres para decidir sobre seu corpo, suas roupas, sua sexualidade, sua capacidade reprodutora, seu trabalho e sua vida (STEVENS *et al*, 2014).

O movimento feminista até o presente momento passou por três fases, três gerações ou três ondas. A primeira onda se iniciou no final do século XIX e teve como conquistas os direitos civis, políticos e educativos para as mulheres. A segunda onda foi marcada por duas frentes, uma nos Estados Unidos que teve como centro a busca por igualdade entre homens e mulheres, e outra na França, que teve como foco a importância de reconhecer a diferença entre homens e mulheres, para assim entender que a experiência feminina é diferente da masculina mas também merecia seu lugar de protagonismo. Por fim a terceira onda, que tem como norte, o entendimento das diferenças não como produtora de desigualdades entre os sexos, mas como caráter de compreensão da subjetividade feminina, subjetividade esta que busca por equidade e alteridade (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Como marcos de todas essas ondas, é possível citar conquistas primordiais frutos das lutas feministas. Entre elas estão: o direito de acesso aos estudos, o direito ao voto, o direito ao trabalho, o direito aos métodos contraceptivos, o direito ao aborto (em alguns países), o direito à liberdade sexual, o direito de exercer cargos políticos, o direito ao controle da sua vida financeira, o direito de escolher suas roupas, o direito de se casar ou não se casar e o direito de exercer a sua liberdade.

Diante de todo o exposto, cabe destacar uma das mais importantes ações do movimento feminista, que foi a retirada da mulher do espaço privado e da condição de sujeito inativo e passivo, para colocá-la na esfera pública como sujeito ativo e participante da história da sua vida e da sociedade (NARVAZ; KOLLER, 2006). Tal avanço fez com que a mulher passasse a não ser mais vista como propriedade do homem e pudesse então construir sua identidade e subjetividade de forma libertária.

Esse passo enorme em direção à liberdade também possibilitou que a figura feminina viesse fazer parte do cenário da cidadania, colaborando assim para a criação de políticas públicas que pudessem amparar esse grupo nas suas necessidades. Dessa forma, o bem-estar da mulher passou a ser garantido pelo estado, assim como o de qualquer cidadão. No Brasil, dentre as políticas de garantia de bem-estar, encontram-se a lei Maria da Penha, a Lei do Femicídio e a Lei de Licença a Maternidade.

Além de garantir espaços para a mulher na esfera pública e dar suporte para que esta exerça sua existência de forma livre e autônoma, o feminismo também veio para trazer o conceito e a prática da sororidade entre o sexo feminino. Costa (2004, p. 25) traz o conceito de sororidade como sendo a “ideia de força de unificação das mulheres”. Tal ideia surgiu em resposta ao clima de rivalidade percebido entre o sexo feminino, originado muitas vezes das amarras da necessidade de competição, propagadas pela cultura machista, com o intuito de promover a desunião feminina.

A sororidade se mostra em atitudes de suporte, apoio e união entre mulheres, tendo como objetivo maior a construção de uma rede de proteção e de promoção de segurança para a classe feminina (MARQUES, 2013). É quando a mulher se sente amparada pelas suas semelhantes, gerando um movimento de força e conexão.

Na contemporaneidade, movimentos bastantes conhecidos que surgiram dessa prática podem ser citados, como por exemplo o movimento *#MeToo*, realizado em 2018 em Hollywood, por atrizes do cinema que denunciaram assédios sofridos por atores e diretores do ramo. Há também o movimento “Metete a Colher”, criado em 2016, uma plataforma

digital que oferece uma rede de apoio que ajuda mulheres a saírem de relacionamentos abusivos. Bem como o movimento “Não é Não!” criado em 2017, com o objetivo de livrar as mulheres de assédios sofridos durante as comemorações de carnaval.

A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE ATRAVÉS DE PRODUTOS MIDIÁTICOS

A mídia se apresenta hoje como o meio mais influente e rápido na propagação de informações para os indivíduos. Seu fazer se dá através de produtos vinculados às mais diversas plataformas, como: televisão, celular, computador e internet. Para Guazina (2004, p. 55), mídia “pode significar uma ampla gama de fenômenos, acontecimentos e transformações que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing, o entretenimento, nos diferentes meios.”

Devido a esse vasto alcance, a mídia tem conseguido ditar comportamentos e estabelecer formas e normas sociais (SILVA e SANTOS, 2009). Esta capacidade de influência é apresentada por Silva e Santos (2009) como um poder de manipulação, que faz com que haja um controle social das formas de ser/existir dos sujeitos.

Quando o indivíduo se vê inserido nesse processo de midiaticização da vida, passa a vivenciar suas opiniões e maneiras de pensar, fortemente ligadas às representações de mundo propagadas nos produtos midiáticos. De acordo com Morigi (2004, p. 6), “as influências sociais da comunicação no processo das representações sociais servem como meio para estabelecer ligações e conexões significativas com as quais nos relacionamos e interagimos uns com os outros”.

Estas representações sociais são formas de compreender e se comunicar, utilizadas pelos sujeitos em uma determinada sociedade (MOSCOVICI, 2003 *apud* MORIGI, 2004). Tais formas estão sendo buscadas pelo sujeito nos conteúdos que ele adquire nas séries, filmes, novelas, propagandas e anúncios publicitários.

Outra forte característica da mídia é a capacidade de influenciar o espectador a consumir o que está sendo divulgado e produzido. Para isto ela faz o uso de imagens que sejam representativas para determinada população. A associação feita entre essas imagens e a propagação da obtenção de realização de todos os desejos, faz com que o sujeito deseje consumir (BARROSO, 2006).

Esse consumo não diz respeito apenas a produtos materiais, mas também se refere a ideologias, posições políticas, posições sociais, além de aprendizagens de novos conceitos e diferentes opiniões. Estas representações sociais propagadas pelos meios de comunicação

“passam a se constituírem realidades as quais passam a integrar o perfil da opinião pública” (MORIGI, 2004, p. 6).

A alta capacidade da mídia de influenciar as pessoas, se dá devido a uma integração dos discursos que são produzidos socialmente, com os recursos de repercussão midiáticos (MORIGI, 2004). Essa integração acaba por criar o fenômeno da homogeneização da subjetividade.

A homogeneização da subjetividade diz respeito a uma diminuição do singular, daquilo que seria único de cada indivíduo. Nesse cenário a produção de informação em grandes quantidades e em alta velocidade alcança uma gama de sujeitos que consomem essas informações de maneira superficial, colaborando assim para a produção de discursos homogêneos (MORIGI, 2004).

Os discursos homogêneos perpassam os “(...) modos de perceber, representar, ver, ler, ouvir e sentir dos sujeitos” (MORIGI, 2004, p. 9), e não se reproduzem sem motivos, pelo contrário, possuem uma finalidade. Tal finalidade se caracteriza no sentimento de pertencimento a massa social reproduzida pela mídia.

A ocorrência desse fenômeno faz com que surja uma fragmentação da subjetividade, que nas palavras de Verzoni e Lisboa (2015, p. 462) se configura como um tipo “variado, caótico e com elementos contraditórios que não se relacionam entre si.” Nesse cenário, o sujeito autônomo encontra-se enfraquecido por não ter uma solidez de referências para se constituir.

Diante disso, o indivíduo

perde a capacidade de produzir sua própria representação da realidade, substituída pelas imagens espetaculares produzidas por outrem – profissionais da publicidade, da propaganda política, do entretenimento e da formação de opinião pública (KOAN, 2017, p. 128).

A reprodução desses discursos e comportamentos concede ao indivíduo um sentimento de protagonista, ainda que ele esteja reproduzindo o mesmo que muitas pessoas (FRANÇA, 2017). O que importa não é a originalidade, mas sim a visibilidade diante da massa social midiática.

Em relação a esse fenômeno, Mancebo (2002) traz o conceito de “camaleonismo social” que caracteriza o indivíduo que constitui sua identidade através de “pedaços” identitários que ele encontra disponíveis na malha midiática. Contudo, essa construção subjetiva, que até então parece ser sólida por ser compartilhada por um grande contingente de pessoas, experimenta fortes ameaças o tempo inteiro.

A partir do momento em que essas formas de se construir divulgadas pela mídia mudam, esse indivíduo sentirá a necessidade de se moldar novamente, o que lhe coloca num movimento de “ser/não ser”. Para Lipovetsky (2007), essa mudança corriqueira provoca insegurança e um certo vazio, já que a inconstância de referências torna o existir incerto.

O indivíduo que em determinado momento da vida acredita que construiu sua subjetividade/identidade e que esta será definitiva, vê essa construção ameaçada em questões de segundos. Tal ameaça acontece por parte da própria mídia que muda seus discursos influenciadores a todo momento, colocando os indivíduos numa posição de constante “troca de peles” para assumirem as novas subjetividades.

Mancebo (2002, p. 294) argumenta acerca dessa volatilidade midiática que “teríamos indivíduos homogeneamente globalizados, flexíveis e descartáveis, preparados para rapidamente se desalojarem e substituírem suas cartografias subjetivas e suas identidades locais.” Desta forma, o sujeito para a mídia encontra-se num local de “uso” e de depósito dos seus discursos, tornando-se de tempos em tempos descartável, para ser novamente reciclado.

Esse “movimento de identificação, contra-identificação e des-identificação” (GREGOLIN, 2016, p.14) é apresentado como responsável pelo mal-estar do sujeito contemporâneo, que transita entre a instabilidade e a busca por uma referência de identidade que seja afirmada pela mídia.

AS SÉRIES E AS REPRESENTAÇÕES DE CONTEÚDOS SOCIAIS

Dentre as muitas formas de reprodução de conteúdos usadas pela indústria midiática, encontram-se as séries. Atualmente, esse recurso tem sido usado para reproduzir temáticas sociais que estão em alta nos discursos das pessoas. Tais temáticas abordam: racismo, machismo, lgbtfobia, feminismo, entre outros.

Esse tipo de recurso audiovisual tem obtido grande aderência por parte do público contemporâneo, uma vez que o acesso a esse produto se apresenta de forma fácil e rápida. Isso acontece devido a existência de plataformas on-line conhecidas como *plataformas de streaming*, nas quais diariamente são disponibilizadas séries e filmes que podem ser consumidos a qualquer hora de qualquer lugar.

Para Silva (2018, p. 12), “o telespectador passa a ter uma autonomia sobre a escolha do conteúdo que mais lhe agrada, possui o poder de seleção dos programas e horários mais

convenientes, não tendo que obedecer à grade televisiva imposta pelas premissas da indústria cultural”. Dessa forma, o sujeito se sente ativo no processo, vendo nessa possibilidade de escolha uma atitude de protagonismo.

Nesse contexto, Silva (2014 *apud* SILVA, 2018, p. 13) descreve a chamada “cultura das séries” que diz que “a participação dos fãs de séries não se limita apenas ao ambiente online, é desenvolvida toda uma rede de notícias e críticas sobre o tema, sendo a parte fundamental no processo de produção, circulação e consumo de ficção televisiva.”

Nesse universo de séries, uma produção chamou bastante atenção do público e conquistou uma legião de fãs desde o lançamento da sua primeira temporada em 2017: a série *The Handmaid's Tale*, que em português, em tradução livre, significa O Conto da Aia, baseada no livro de mesmo nome da escritora Margaret Atwoods.

A série se passa nos Estados Unidos, mais especificamente na cidade de Washington. O contexto histórico se dá em uma perspectiva futurista, quando a raça humana sofre com as consequências da poluição do meio ambiente, experimentando escassez de alimentos e ainda a crescente dificuldade de nascimento de bebês saudáveis, uma vez que a maioria nasce morto ou deformado.

Nesse cenário, as pessoas vivem suas vidas normalmente, cientes de que o fim da humanidade se aproxima cada vez mais. Contudo, mudanças sorrateiras foram acontecendo no âmbito político. Primeiro aniquilaram o Congresso Nacional, depois suspenderam a Constituição dizendo que seria temporário, usando como justificativa os ataques terroristas.

Contudo, num certo dia que era para ser mais um dia comum como qualquer outro, as mulheres foram demitidas dos seus empregos e saíram escoltadas de dentro das empresas por homens armados vestidos de preto. Além disso, elas tiveram suas contas bancárias suspensas e o dinheiro que estavam nelas, transferidos para as contas de seus maridos.

Algo estava acontecendo, e como forma de protesto, mulheres e homens saíram às ruas para cobrar uma posição do governo. Nesse protesto, eles foram recebidos por policiais armados que ao primeiro grito de reivindicação começaram a atirar e lançar bombas nas pessoas, com o objetivo de matar a todos que se impusessem. E foi a partir desse dia que tudo mudou completamente, e se instaurou a República de Gilead.

A primeira ação da nova república foi capturar todas as mulheres férteis para serem enviadas aos Centros Vermelhos ou Centro Raquel e Bila. Esses centros seriam responsáveis por prepará-las para serem aias, transformando-as em “úteros sobre duas pernas” (termo usado na própria série), uma vez que elas foram enviadas para se tornarem

propriedades de um homem que seria chamado de Comandante. Na casa do Comandante, a aia estaria a serviço, com a função de engravidar do comandante, para dar um filho a ele e sua esposa.

A gravidez se daria por meio de estupros que aconteceriam todos os meses, uma vez por mês, nos períodos férteis. Esse evento mensal era conhecido como cerimônia, e nele, comandante, esposa e aia se reuniam no quarto do casal, e se posicionavam de forma que a esposa sentada a cama, ficasse com a aia entre suas pernas, enquanto o comandante lhe estuprava até atingir o orgasmo.

As mulheres que não estavam mais em idade fértil ou eram lésbicas foram enviadas para as colônias, lugares extremamente afetados por poluição, onde o ar, a água e o solo eram contaminados, e para onde todo o lixo tóxico era mandado. Essas mulheres eram responsáveis por cavar esse solo e torná-lo propício para o plantio novamente.

As pessoas que tinham orientação sexual que não fosse heterossexual foram chamadas traidoras de gênero, estas foram mortas por enforcamento e penduradas nos grandes muros construídos em volta da República de Gilead.

Gilead é uma forma de governo onde todos os poderes se encontram na mão dos homens, que são chamados de comandantes; tal organização remete ao sistema patriarcal abordado no capítulo anterior. Cada comandante possui uma casa, onde moram ele, a esposa, a aia, o motorista e uma Marta - o nome dado às mulheres que tem como função cuidar dos afazeres domésticos.

Nessa nova forma de governo as mulheres são obrigadas a ocuparem uma posição de passividade, sendo proibidas de participarem de discussões acerca de política, exercer algum tipo de trabalho fora de casa, ler e tomar decisões. Aos homens são permitidas todas essas atividades.

O descumprimento destas proibições acarreta punições físicas, como decepamento de mãos e dedos, retirada de olho e queimaduras. Entretanto, por mais que essas punições legalmente sejam obrigatórias para homens e mulheres, os homens sempre são perdoados diante do Conselho, que ironicamente é formado por homens.

Gilead tem como objetivo central perpetuar a vida humana na Terra - sem levar em consideração os aspectos psicológicos e subjetivos dos sujeitos focando apenas na biologia.

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA PSICANÁLISE

Para falar sobre o lugar do feminino e do masculino dentro da teoria psicanalítica faz-se necessário o entendimento de dois conceitos importantes, que são o “complexo de Édipo” e a “castração”. Dentro dessas duas definições, é importante destacar a existência de uma diferença de posições que são ocupadas pela menina e pelo menino.

Nas palavras de Freud (1923-1925) *apud* Nasio (2005, p. 135) tem-se que

O complexo de Édipo do menino, no qual cobiça a mãe e gostaria de eliminar o pai como rival, desenvolve-se naturalmente a partir da fase de sua sexualidade fálica. Mas a ameaça de castração obriga-o a abandonar essa posição. Sob a impressão do perigo de perder o pênis, o complexo de Édipo é abandonado, recalçado, destruído radicalmente no caso mais normal, e um supereu severo é instituído como seu herdeiro. O que acontece na menina é quase o contrário. O complexo de castração prepara o complexo de Édipo em vez de o destruir; sob a influência da inveja do pênis, a menina é expulsa da ligação com a mãe e apressa-se a entrar, como em um porto, na situação edípiana.

Freud (1923-1925) explicitou que as relações estabelecidas pela criança com sua própria sexualidade na infância, eram diferentes para a menina e o menino. O menino nasce com o órgão genital visível (pênis), e a menina nasce com o órgão genital (vagina) “não-visível”. Essa diferenciação, de acordo com Freud (1923-1925), colocava o sexo masculino numa posição de superioridade, e o sexo feminino numa posição de inferioridade. A ideia é de que à mulher “falta” algo, que nesse caso se configuraria na figura do pênis, ou do falo.

Nesse contexto, ao falo foi atribuído um papel de poder, poder este que se encontrava nas mãos do homem, possuidor do pênis e da supremacia. Diante disso, a mulher se encontrava num lugar de incompletude e ocupava uma posição de menos autoridade. Tais premissas colaboraram para que a sexualidade masculina fosse afirmada em sociedade, e a sexualidade feminina fosse reprimida.

A repressão do vivenciar da sexualidade da mulher foi observada por Freud (1923-1925) como a causa da histeria feminina. Essa condição se configurava em sintomas físicos como a paralisia, a perda dos sentidos, os tremores, sendo que estes não possuíam causas biológicas.

Dentro desse cenário, para a Psicanálise Freudiana, a busca da mulher pela afirmação da sua sexualidade perante a sociedade fez com que ela enfrentasse fortes imposições sociais. Esse embate acarretou a repressão dos seus instintos agressivos, colocando-a num lugar de submissão e inferiorização (SILVA; FOLBERG, 2008).

As explicações freudianas das diferenças entre homem e mulher, bem como dos papéis que estes assumem, que no caso se configuram entre aquele que tem o poder e supremacia, e aquele que é o subordinado e inferior, despertou sentimentos de rejeição e raiva nas mulheres pertencentes ao movimento feminista. Gayle Rubin (1993) explicita que

Freud em seu uso de palavras, demonstrou-se um determinista biológico, dando ênfase excessiva as diferenças genitais e suas consequências. Entretanto, Rubin (1993) relata ter consciência do que Lacan dizia sobre a teoria de Freud, de que esta “era sobre a linguagem e os significados culturais impostos à anatomia” (RUBIN, 1993, p. 37), mesmo que ele não tenha conseguido se expressar da maneira mais clara e compreensiva.

Na teoria lacaniana do complexo de castração apresenta-se uma visão diferente, ultrapassando a ênfase na característica anatômica, para pensar o “falo” como um símbolo. Dessa forma, a mulher quando percebe que não possui o falo, não considera que lhe falta algo, o que acontece é o significado/simbolismo que a sociedade dá ao seu órgão sexual (clitóris). Como a sociedade é falocêntrica, o significado do clitóris é desvalorizado em detrimento do significado do falo (RUBIN, 1993).

Para definir mais precisamente, Rubin (1993, p. 41) traz que

ele (o falo) está onde nós não estamos. Nesse sentido, o falo é mais que um traço que distingue os sexos: ele é a encarnação do status masculino, a que os homens acedem, e que implica determinados direitos – entre os quais o direito a uma mulher. É uma expressão da transmissão do domínio masculino.

Ainda em relação ao Complexo de Édipo, ocorrem dois fenômenos que influenciam diretamente a percepção de si que a mulher tem. Primeiro ela entende que existem diferentes sexos e que ela não pode se relacionar com seus genitores (tabu do incesto), depois percebe que a mãe “pertence” ao pai e deduz que somente àqueles que possuem o falo podem ser donos de algo. Portanto, ela entende que socialmente os dois gêneros têm direitos e perspectivas diferentes.

Horney (1933) critica todas essas ideias defendidas por Freud e Lacan, alegando ser muito intenso afirmar que toda a existência feminina estaria baseada nesse sentimento de “ressentimento oculto” (HORNEY, 1933, p. 288). Contudo, Rubin (1993) ressalta que o erro das teorias freudianas da feminilidade é o de racionalizar a subordinação das mulheres. No entanto, ele teria acertado quando elucidou os aspectos das estruturas profundas de opressão sexual, nas quais a sociedade ainda se encontra enraizada.

Plath (1993) apresenta uma outra crítica ao explicitar que Freud e Lacan em nenhum momento param para questionar o sexismo extremo que permeia os escritos das suas teorias. Tal elucidação abre espaço para o questionamento: “Onde estaria a psicanálise no atual contexto de múltiplas sexualidades (transgênero, bissexual, assexual, andrógina, homossexual)?”

É dentro dessa pergunta que mais uma vez o movimento feminista pode ser chamado para a discussão, em específico a parcela do movimento que direciona seus discursos para a temática do gênero. Plath (1993, p. 55) diz que “(...) não sofremos opressão apenas enquanto mulheres, nós a sofremos por termos que ser mulheres, assim como os homens são obrigados a ser homens”. Esse trecho defende que não faz mais sentido definir lugares para homens e mulheres que perpetuem práticas desiguais e desencadeadoras de sofrimento.

Quando se procura na literatura as relações que os pertencentes ao movimento psicanalista fazem com o movimento feminista, encontram-se escritos que em sua maioria engolem as ideias feministas, para que estas aceitem e entendam as premissas defendidas pela psicanálise. Esse comportamento leva a reflexão do quão arraigado estão as noções de hierarquização entre masculino e feminino, como se a dissolução dessa estrutura fosse impossível ou até mesmo proibida de ser alcançada (BUTLER, 2015).

A psicanalista Márcia Arán em seu artigo “A Psicanálise e o dispositivo diferença sexual” publicado em 2011, afirma que

a partir dessas considerações, torna-se fundamental contextualizar historicamente esse debate e afirmar que a teoria da diferença sexual na psicanálise, tanto em Freud quanto em Lacan, é a forma masculina de se inscrever na história conflitiva que marcou a diferença entre os sexos na cultura ocidental (p. 12).

Tal inscrição histórica concebeu o feminino como o lado negativo da história, se fazendo necessário agora um olhar positivo sobre a diferença sexual feminina. O que implica considerar a experiência de vida da mulher como diferente, mas não como inferior ou dependente da experiência masculina.

Para Arán (2011) pensar a nova abordagem psicanalítica das questões de gênero, requer ultrapassar a noção de dualidade compulsória macho/fêmea. Portanto, é preciso reconhecer a existência das diferentes formas de exercer a sexualidade presentes na sociedade pós-moderna.

Cicarelli (2017) faz uma crítica ao simbólico centrado no falo abordado por Lacan, alegando que o conceito de símbolo precisa ser pensado sócio historicamente, necessitando assim que esse simbólico seja repensado. Não cabe mais centralizar o falo como símbolo na contemporaneidade, uma vez que isso faz com que “a diferença - seja ela de sexo ou de gênero - sirva para sustentar desigualdades graças a poderosos dispositivos da ordem simbólica, que são verdadeiras teologias apoiadas na antropologia estrutural e em certas práticas psicanalíticas” (CICARELLI, 2017, p. 283).

A psicanálise na pós-modernidade precisa entrar no movimento de desconstrução das suas teses e práticas normativas que não encontram mais fundamento nas formas de ser humano da atualidade (ARÁN, 2011). Ao perceber que o cenário da sexualidade se apresenta reformulado com novas sexualidades e atrelado a isso novas formas de poder e organização social, uma teoria que acompanhe os processos históricos e sociais dos sujeitos, terá mais chances de ter uma prática eficaz em relação aos processos subjetivos.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa hipotético-dedutiva, sendo esta definida como um método que parte do geral para o singular, através do uso de princípios e teorias consideradas verdadeiras e aceitáveis (PRODANOV; FREITAS, 2013). Assim sendo, tem-se o problema inicial que será observado com o intuito de confirmação das hipóteses. Ainda possui caráter de natureza qualitativa, já que levou em consideração a interpretação e análise do fenômeno por uma ótica que valoriza dados e informações que não podem ser descritos através de quantidades (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Aiello-Fernandes (2012) salienta que essa abordagem se apresenta como contrária, de modo geral, as pesquisas que quantificam os seres humanos. Apresenta uma estrutura exploratória, pois buscou através de levantamento bibliográfico e análise de conteúdo midiático, fornecer maior quantidade de informação sobre o tema a ser investigado (KÖCHE, 2011).

O procedimento realizado foi de pesquisa básica, que tem como norte o uso de constatações e interesses gerais universais, sem haver aplicação prática (PRODANOV; FREITAS, 2013). Teve como local de pesquisa artigos de revistas e periódicos científicos encontrados na plataforma de bases de dados Google Acadêmico, a partir de acesso privado à internet, ou pelo uso de dispositivos oferecidos pelo Ceulp/Ulbra, como os Laboratórios de Informática. O período de realização deu-se de Fevereiro à Dezembro de 2019.

O objeto de estudo foi a primeira temporada da série *The Handmaid's Tale* que em tradução livre significa O Conto da Aia, que se encontra dividida em 10 episódios, de em média 50 minutos de duração cada, disponíveis nos canais de assinatura privada *Paramount Channel*, *Now* e *GloboPlay*. A série é baseada no livro da autora Margaret Atwood, intitulado O conto da Aia, publicado em 1985. A produção cinematográfica é realizada pela empresa de entretenimento estadunidense *Hulu*.

Os critérios de inclusão adotados levaram em consideração livros e artigos científicos encontrados nas plataformas de bases de dados científicos Google Acadêmico e Scielo, que tinham como temática machismo, relações de poder, psicanálise e feminismo, desigualdade de gênero, liberdade corporal, cultura do patriarcado. As palavras chaves buscadas foram: machismo, patriarcado, viriarcado, opressão, agressão, corpo, psicanálise, mulher e homem. Produções científicas relacionadas à comunicação social e mídia, atrelada a reprodução de papéis de gênero, também entraram nos critérios de inclusão.

Em se tratando de tempo de publicação, foram escolhidas produções científicas publicadas de Janeiro de 2005 à Janeiro de 2019. Publicações que não atenderam ao tema pesquisado e não contemplaram o período citado foram excluídas para fins de resultados e discussões.

A partir das palavras-chaves foi realizada uma busca nas plataformas de dados científicos Google Acadêmico e Scielo, com o intuito de encontrar produções que pudessem contribuir com a construção do referencial teórico da pesquisa.

Como estratégia de seleção das produções encontradas que poderiam ser utilizadas para atender aos objetivos da pesquisa, foi feita uma leitura dos resumos, introdução, desenvolvimento e conclusão (CAVALCANTE, CALIXTO, PINHEIRO, 2014) como técnica de aprofundamento e aperfeiçoamento dos conteúdos encontrados.

Complementarmente, foi produzida uma catalogação de onze palavras e/ou expressões utilizadas nos diálogos (que se encontram dentro do contexto do problema de pesquisa deste trabalho) de cada episódio da primeira temporada de *The Handmaid's Tale*, observando o significado político e simbólico que possuíam, e ainda a quantidade de vezes que cada palavra foi repetida por episódio. Esse ranking de palavras foi analisado à luz do referencial teórico, a fim de confirmar as ideias trazidas pelos autores.

A pesquisa em questão não contou com a participação de seres humanos. Contudo, os conteúdos tratados neste trabalho, possuem total respaldo científico e visam não agregar caráter de ofensa ou prejuízo a quaisquer áreas relacionadas a saúde física e mental da população em geral. Assim sendo, possui como premissa proporcionar reflexão e instigar questionamentos acerca do tema pesquisado, colaborando assim para um maior arcabouço de produções relacionadas a temática, compactuando com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde.

Como desfecho primário a pesquisa teve a intenção de identificar e explicitar a existência da opressão causada pela cultura do viriarcado e pelo machismo, sobre a expressão/domínio do corpo feminino.

Esperou-se elucidar as representações feministas contidas na série *The Handmaid's Tale* como uma forma de apresentar as possibilidades de emancipação do corpo feminino, sob a luz da Psicanálise. Ainda pretendeu-se trazer à discussão, como produtos midiáticos podem ser usados para proporcionar reflexão acerca de causas sociais que envolvam os papéis de gênero.

4 RESULTADOS

Ao fazer a observação dos dez episódios da primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*, aplicando-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), foram construídas dez tabelas, compostas por duas colunas, sendo estas: categorias e frequência.

Na coluna “categorias”, existem onze palavras que foram escolhidas pela pesquisadora, que são: Aia, Cerimônia, *Offred*, Martha, Proibido, Bendito seja o fruto, Que possa o Senhor abrir, Comandante, Sob o olho dele, Olho e Salvamento. Em sequência, na coluna “frequência”, foram apresentadas quantas vezes cada palavra foi utilizada nos diálogos de cada episódio de *The Handmaid's Tale*.

Tabela 01 - Episódio 01: *Offred*

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	2
Cerimônia	0
Of (<i>Offred</i>)	2
Martha	0
Proibido	0
Bendito seja o fruto	2
Que possa o Senhor abrir	1
Comandante	3
Sob o olho dele	4
Olho	3
Salvamento	1

Fonte: Tabela elaborada pela autora do trabalho.

Sob o olho dele

O primeiro episódio apresenta a expressão “Sob o olho dele” como a mais repetida, totalizando 4 repetições. A expressão referida possui um significado na série que se associa, às condutas adotadas pela república de Gilead baseadas nos ensinamentos bíblicos. Portanto, quando se diz “Sob o olho dele”, tem se a intenção de justificar a construção e a forma de funcionar de Gilead, como aprovada pelo próprio Deus.

Figura 01 - Infográfico referente ao episódio 01.



Fonte: Figura elaborada pela autora do trabalho.

Tabela 02 - Episódio 02: Aniversário

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	0
Cerimônia	0
Of (Offred)	11
Martha	0
Proibido	1
Bendito seja o fruto	2
Que possa o Senhor abrir	2
Comandante	6
Sob o olho dele	4
Olho	2
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora do trabalho.

Offred

O segundo episódio traz “Offred” como a palavra mais repetida, totalizando 11 repetições. Ao traduzir-se a palavra obtém-se literalmente, “ De fred”, o que significa dizer que a Aia pertence à Fred, o comandante da casa onde ela está alocada.

Tabela 03 - Episódio 03: Atrasado

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	3
Cerimônia	0
Of (Offred)	12
Martha	3
Proibido	0
Bendito seja o fruto	1
Que possa o Senhor abrir	0
Comandante	1
Sob o olho dele	1
Olho	0
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Offred

O terceiro episódio traz “Offred” como a palavra mais repetida novamente, totalizando 12 repetições.

Tabela 04 - Episódio 05: Fiel

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	0
Cerimônia	1
Of (Offred)	16
Martha	0
Proibido	1
Bendito seja o fruto	2
Que possa o Senhor abrir	2
Comandante	3
Sob o olho dele	1
Olho	4
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Offred

O quinto episódio intitulado, traz “Offred” como a palavra mais repetida novamente, totalizando 16 repetições.

Tabela 05 - Episódio 06: O lugar de uma mulher

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	7
Cerimônia	0
Of (Offred)	19
Martha	0
Proibido	0
Bendito seja o fruto	3
Que possa o Senhor abrir	3
Comandante	6
Sob o olho dele	2
Olho	1
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Offred

O sexto episódio traz “Offred” como a palavra mais repetida novamente, totalizando 19 repetições.

Tabela 06 - Episódio 09: A ponte

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	6
Cerimônia	0
Of (Offred)	10
Martha	0
Proibido	0
Bendito seja o fruto	2
Que possa o Senhor abrir	1
Comandante	4
Sob o olho dele	1
Olho	0
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Offred

O nono episódio traz “Offred” como a palavra mais repetida novamente, totalizando 10 repetições.

Tabela 07 - Episódio 10: Noite

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	1
Cerimônia	0
Of (Offred)	6
Martha	0
Proibido	0
Bendito seja o fruto	1
Que possa o Senhor abrir	1
Comandante	4
Sob o olho dele	1
Olho	0
Salvamento	1

Offred

O décimo episódio traz “Offred” como a palavra mais repetida novamente, totalizando 6 repetições.

Tabela 08 - Episódio 04: *Nolite te bastardes carborundorum*

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	3
Cerimônia	6
Of (Offred)	2
Martha	0
Proibido	1
Bendito seja o fruto	3
Que possa o Senhor abrir	1
Comandante	3
Sob o olho dele	0
Olho	1
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Cerimônia

O quarto episódio têm “Cerimônia” como a palavra mais repetida, totalizando 6 repetições. A cerimônia é um ritual de estupro praticado contra as aias, pelo comandante e a esposa.

Figura 03 - Infográfico referente ao episódio 04

Fonte: Figura elaborada pela autora do trabalho.

Tabela 09- Episódio 07: O outro lado

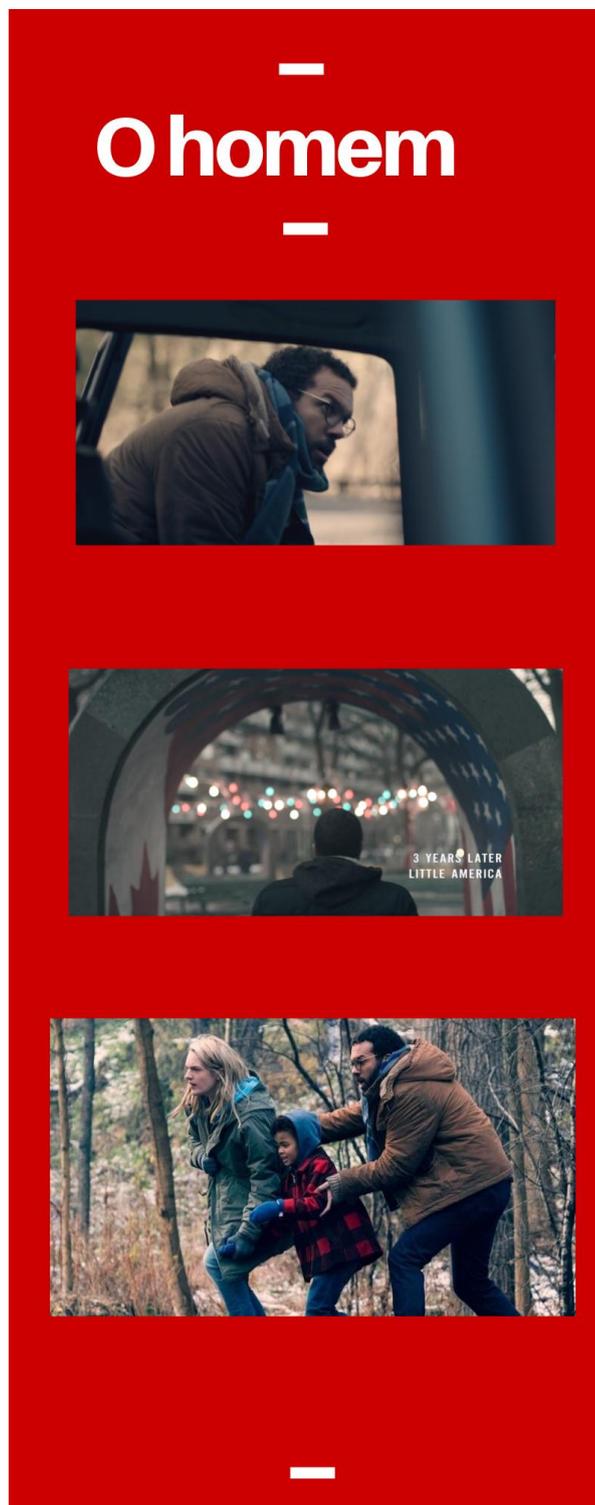
CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	0
Cerimônia	0
Of (Offred)	0
Martha	0
Proibido	0
Bendito seja o fruto	0
Que possa o Senhor abrir	0
Comandante	0
Sob o olho dele	0
Olho	0
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

O homem

O sétimo episódio não apresenta frequência em nenhuma das 11 palavras. Este episódio conta a história do marido de *Offred*, abordando a estória de um dos personagens masculinos da trama.

Figura 04 - Infográfico referente ao episódio 07



Fonte: Figura elaborada pela autora do trabalho.

Tabela 10 - Episódio 08: Jezebel

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Aia	5
Cerimônia	1
Of (Offred)	1
Martha	1
Proibido	1
Bendito seja o fruto	0
Que possa o Senhor abrir	0
Comandante	7
Sob o olho dele	3
Olho	3
Salvamento	0

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Comandante

O episódio 8 destaca a palavra “Comandante”, sendo esta repetida 7 vezes. O comandante é o líder da casa e todos lhe devem obediência.

Figura 05 - Infográfico referente ao episódio 08

Comandante



"O âmbito familiar ainda possui suas raízes no modelo patriarcal, mesmo com a mudança nas configurações familiares, o homem ainda é modelo de chefe do lar, tem o papel principal, merecendo respeito e submissão, é o de destaque nas famílias (SOUZA e OLIVEIRA, p. 4, 2018)"

Fonte: Figura elaborada pela autora do trabalho.

Tabela 11 - Episódios 01 ao 10

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA TOTAL
Of (Offred)	79
Comandante	37
Aia	27
Sob o olho dele	17
Bendito seja o fruto	16
Olho	14
Que possa o Senhor abrir	11
Cerimônia	8
Martha	4
Proibido	4
Salvamento	2

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Frequência total de cada palavra na primeira temporada

A tabela acima representa a união dos 10 episódios, totalizando quantas vezes durante toda a primeira temporada cada palavra foi repetida. A coluna da frequência está organizada em ordem decrescente, sendo possível perceber “*Offred*” como a palavra mais repetida, num total de 79 vezes e “Salvamento” como a palavra menos repetida, num total de 2 vezes.

5 DISCUSSÕES

A observação da primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*, com o detalhamento dos 10 episódios, possibilitou identificar que padrões sociais machistas reproduzidos atualmente, são repetidos no modelo de sociedade instaurado na República de Gilead.

Esse tipo de estudo oferece informações que dizem respeito à importância que cada uma dessas palavras e conseqüentemente seus significados, têm na reprodução do cenário midiático de *The Handmaid's Tale*.

A partir dos resultados expostos nas tabelas acima, notou-se que a palavra *Offred* foi a mais pronunciada em 6 episódios, sendo estes: episódio 02, episódio 03, episódio 05, episódio 06, episódio 09 e episódio 10. *Offred* se apresenta como a personagem principal da classe das **Aias**. De acordo com Souza (2016, p. 101) “As aias estão na base da pirâmide social de mulheres, são as únicas mulheres férteis na sociedade e, em razão disso, perderam o domínio do próprio corpo, que existe exclusivamente para servir ao Estado como fonte de procriação”. Cada Aia recebe um nome que é criado de acordo com o nome do Comandante da casa onde ela está alocada. Portanto, *Offred* quer dizer em tradução literal, “de Fred”, visto que Fred é o Comandante dono dela (ZUKOSKI; TARDIVO, 2018).

Assim como a Aia ocupa um lugar de objeto de posse do Comandante, a mulher contemporânea também tem ocupado esse lugar na sociedade Patriarcal. Tal lugar não se ocupa por escolha, mas sim por imposição de estruturas machistas, que validam posturas masculinas que visam controlar o corpo feminino (ZANEZI, 2018).

Portanto, o corpo da mulher em Gilead é propriedade do governo, governo este que é composto exclusivamente por homens. Essa posse se exemplifica em diversas atitudes, uma delas é a “**Cerimônia**”. A “Cerimônia” é um ritual onde “(...) a aia se posiciona entre as pernas da esposa, apoiada sobre seus joelhos e segurando as mãos da esposa. É a forma de a esposa participar desde o início e tornar-se a mãe do futuro filho. O coito e o parto, portanto, se realizam sobre os joelhos da esposa, que se torna mãe através do corpo da aia (...)” (SOUZA, 2016, p. 104).

Dessa forma, o momento citado anteriormente caracteriza-se como um estupro, que acontece todo mês, nos dias férteis da Aia. O estupro atualmente é considerado crime, mas na sociedade de Gilead, ele é validado pelo Estado. Sobre esse fato, é possível citar o projeto proposto pela atual Ministra da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, do Brasil, chamado “Bolsa estupro”, onde “O Estado arcará com os custos respectivos até que

venha a ser identificado e responsabilizado por pensão o genitor ou venha a ser adotada a criança” (LINDNER; MARINI; LIMA, 2018).

Contudo, a bolsa estupro nada mais é que uma tentativa do Estado de decidir sobre o corpo da mulher, obrigando-a a tratar o ato da violência sexual como natural, desvalorizando seu próprio sofrimento e renunciando ao poder de decidir sobre seu próprio corpo. É como se a existência feminina se resumisse apenas em ser “um útero sob duas pernas”.

Na sequência das palavras selecionadas que mais foram repetidas, tem-se a expressão “**Sob o olho dele**”, como a mais utilizada no episódio 01. No contexto da série, este termo significa dizer que todas as ações que foram ou serão realizadas em Gilead, estão sob a vigilância de Deus. Tal Deus, é o deus cultuado pelo Cristianismo.

O sistema religioso do Cristianismo é tido como a base de todo o funcionamento da distopia dessa nova república, visto que, é ele quem justifica a superioridade dos homens e a subjugação das mulheres. Para complementar, Zukoski e Tardivo (2018, p. 271) explicitam que

é possível verificar que o patriarcalismo, mesmo não tendo explicações fundamentadas, coloca o homem em um nível superior ao da mulher, utilizando-se como justificativa a religião, que pelo seu caráter dogmático não é passível de questionamentos, e que subjugou a mulher, silenciando-a.

Em Gilead, as mulheres não possuem direitos, tais como: participar de decisões políticas, trabalhar, ter propriedades (dinheiro, imóveis etc.), ter acesso a livros ou qualquer tipo de meio de comunicação. Estes direitos e mais algumas regalias, são concedidos apenas aos homens, os renomados **Comandantes**. Nesta dinâmica, fica claro o privilégio que há em ser homem e a desgraça que há em ser mulher nessa sociedade, apresentada por Margaret Atwood.

Diante do que já foi exposto, os sujeitos femininos tendem a se perguntar, “por que as mulheres da época se submeteram a fazer parte desse sistema?”. Esse questionamento, já apresenta uma conotação de culpabilização da mulher, como se toda essa violência sofrida acontecesse por um consentimento ou um descuido reproduzido por elas, assim como atualmente. Atualmente, as mulheres ainda continuam sendo culpabilizadas por todas as agressões cometidas contra si. Ou seja, qualquer atentado contra o corpo feminino acaba sendo justificado ou até mesmo anulado, fazendo com que consequentemente a existência feminina ocupe um espaço de anulação ou inferiorização.

Em Gilead, a postura de consentimento dos homens em ocupar uma posição de privilégios, baseada em práticas violentas contra as mulheres, colabora integralmente para a

manutenção e perpetuação da república. O papel de “Comandante” não foi imposto à força aos homens como o de Aia foi imposto às mulheres. Portanto, os homens que ali exercem essa função escolheram assumir tal posto e realizar as práticas delegadas a este.

Ainda sobre essa dinâmica, Gomes, Nascimento e Araújo (2007, p. 567) trazem que “enquanto o homem é “bruto”, “forte”, “agressivo”, “tem iniciativa sexual (ativo)”, “vive mais na rua” e “gosta de pular a cerca (é sexualmente infiel)”; a mulher é “suave”, “sensível”, “doce”, sexualmente mais “passiva”, “fica mais em casa” e sexualmente “se segura mais”. Esses posicionamentos foram resultados de uma pesquisa realizada apenas com homens, e demonstram a visão que estes têm sobre as diferenças dos papéis de gênero masculino e feminino.

Assim sendo, percebe-se que os Comandantes de *The Handmaid's Tale*, incorporaram o posicionamento masculino relatado anteriormente. Diante disso, nota-se na verdade, que essa maneira de existir já fazia parte de suas construções pessoais, e que elas apenas encontraram contexto propício para a aplicação prática no cenário de Gilead.

Ao estudar-se a temporada como um todo, nos seus dez episódios e levando em consideração uma organização decrescente das onze palavras categorizadas, obteve-se respectivamente: **Offred, Comandante, Aia, Sob o olho Dele, Bendito seja o fruto, Olho, Que possa o Senhor abrir, Cerimônia, Martha, Proibido e Salvamento.**

Dentre a lista decrescente, abordando as representações das expressões que ainda não foram explicadas, tem-se “Bendito seja o fruto” e “Que possa o Senhor abrir” como complementares uma da outra. De tal forma que o fruto aqui significa um bebê, bebê este que será gerado pela Aia, com a benção do Senhor, mesmo que esse fruto seja resultado de uma violência sexual, a “Cerimônia”.

Do mesmo modo que a Aia precisa gerar um bebê, a mulher contemporânea também é cobrada a todo tempo a realizar esse “sonho”. Essa postura, diz respeito ao mito de que todas as mulheres precisam e querem ser mãe, já que esse é o seu destino biológico. Destino esse justificado também pela sua anatomia biológica.

Sob o mesmo ponto de vista, Borsa e Feil (2008, p. 4) relatam que

historicamente, o papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos.

Por outro lado, quando a mulher não é vista como um útero “sob duas pernas” é vista como responsável pelos afazeres domésticos. Em Gilead, as “Marthas” são as

mulheres destinadas aos cuidados do lar, sendo assim, lavam, cozinham e servem a todos os outros integrantes da casa.

Tal como na relação com o trabalho doméstico na atualidade, onde os homens quase não se ocupam de atividades relacionadas ao âmbito familiar. Estas atividades ainda são categorizadas pela sociedade como sendo de responsabilidade da classe feminina, visto que, não é digno para o homem realizar esse tipo de função (BORSA; FEIL, 2008).

Haja vista as atribuições incumbidas as mulheres da república de Gilead, nota-se a postura impositiva e coercitiva existente nos modos de se relacionar para com as mulheres. A mulher em Gilead é considerada um objeto, que pode e é manuseado de acordo com as vontades dos homens que compõem o governo e o sistema.

Além delas precisarem cumprir todas essas funções contra as suas vontades, também são proibidas de realizarem inúmeras ações. Dessa forma, a expressão “Proibido” associa-se a ações, como: Ler, se relacionar amorosamente com alguém, andar sozinha pela cidade, conversar sobre qualquer assunto, olhar nos olhos do Comandante, usar o nome de nascimento, andar de cabeça erguida, usar outro tipo de roupa que não seja a determinada pelo governo, usar o cabelo solto, usar produtos de maquiagem, usar adereços, se portar de forma sensualizada ou considerada inadequada aos olhos do governo e se impor ou enfrentar algum homem ou alguma lei.

Em contraste a todo o cenário de castração apresentado até agora, a expressão “Salvamento”, é a única que concede às mulheres um benefício, ainda que imposto também. O “Salvamento” é um momento protagonizado pelas Aias, de vingança e devolução aos homens de toda a violência sofrida. Nesse ato, as mulheres são obrigadas a agredirem fisicamente homens que cometeram alguma transgressão que contrarie as leis de Gilead. É nessa agressão coletiva, que as agredidas se tornam agressoras!

OS TRAÇOS DA TEORIA PSICANALÍTICA REPRESENTADOS NAS RELAÇÕES DE GILEAD

Tendo em vista que a palavra mais repetida durante a primeira temporada de *The Handmaid's Tale*, foi “Offred”, conclui-se que todo o contexto, bem como os acontecimentos reproduzidos em Gilead, giram em torno da figura da “Aia”. Portanto, é sobre o lugar do feminino e do ser mulher que estão alicerçadas as pilastras desse sistema machista.

Para falar sobre o lugar do feminino, é necessário falar sobre o lugar do falo. Além de ser preciso também, distinguir qual significado tem esse símbolo, na vida do homem e da mulher. Entendendo ainda, que tal significado exerce influência direta nas formas de se relacionar tidas como machistas.

De tal forma que, a trama desenrolada por *The Handmaid's Tale*, oferece demonstrações cristalinas do falo como dispositivo causador da diferença de se relacionar, dos homens e das mulheres. Sobre isso, Chaves (2008, p. 165) traz que

o machismo consiste numa forma de reação exacerbada ao medo que os homens têm das mulheres e do feminino. Ou seja, o machismo remete aos aspectos defensivos de que se reveste o narcisismo fálico.

Portanto, a postura confrontativa, agressiva e superior adotada pelos “Comandantes”, nada mais é que uma tentativa nociva de afirmar uma masculinidade insegura, a custo da diminuição das mulheres. Haja vista que o Comandante, que aqui representa a figura do homem machista, considera que a existência do outro, no caso da mulher, não é e nem deve ser nada, comparada a sua própria existência (COURNUT, 2002).

Acerca desse contexto fálico, Chaves (2008) *apud* Cournut (2002), fala sobre um narcisismo fálico, onde a constatação do lugar de superioridade nega e agride qualquer tentativa de comparação ou igualdade para com o sexo oposto. Essa conclusão, faz lembrar a desigualdade extrema experimentada pela classe das Aias, que o tempo todo precisa literalmente, andar de cabeça baixa em posição de rebaixamento, para que os Comandantes possam impor suas identidades fragilizadas.

Para esclarecer profundamente, Chaves (2008, p. 165) defende que

(...) o macho se identifique, “talvez conscientemente a um pai viril”, o que se verifica é que, “inconscientemente, o macho se identifica a uma mãe arcaica, fálica” (loc. cit.). A mãe fálica se mostra “temível, penetrante por arrombamento” – sendo nesta identificação localizada a reivindicação e a necessidade do antigo menino pequeno de se equiparar à mãe “para provar que ele existe” (loc. cit.). Mas o autor assinala que o narcisismo fálico se erige também em oposição à identificação a uma mãe degradada pela castração. “A regressão fálica é, de toda forma, defesa contra a identificação a uma mãe edipiana penetrada e contra a identificação a uma mãe pré-genital penetrante” (loc. cit.).

Em outras palavras, o homem adere a uma postura machista na tentativa de confirmar sua identidade e sua sexualidade, em oposição a um feminino materno, que pode ser fálico ou castrado, e que de qualquer forma ameaça a construção da identidade de homem. Conclui-se então, que a formação do ser homem associa-se diretamente à uma oposição extrema a tudo aquilo que remete ao feminino.

Contudo, tal oposição se constitui numa aproximação agressiva e sufocante, que acaba por anular e prejudicar a identidade da mulher. Tal dinâmica assemelha-se a ação da planta cipó-chumbo, já que esta necessita sugar a seiva de outras plantas para poder sobreviver, configurando-se como uma parasita (CIPÓ, 2013). Portanto, o homem machista, é o parasita do gênero feminino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O machismo que se faz presente nas formas de se relacionar entre homens e mulheres, têm sido responsável por tornar a existência feminina uma experiência de vida horrível. Além do medo relacionado à vulnerabilidade de existir ser humano enquanto mulher, o gênero feminino trava uma luta diária contra todos os tipos de abusos e violências dirigidas aos seus corpos.

Ademais, o rechaçamento do Movimento Feminista por parte dos indivíduos que não acreditam e não entendem a potência e importância das premissas defendidas, dificulta ainda mais o processo de despolarização da oposição entre os gêneros feminino e masculino. Tal dificuldade não tem surtido outro efeito, a não ser o de fazer a existência da mulher infinitamente dolorosa, conseqüentemente causando uma piora nas relações homem-mulher.

Contudo, a cultura machista propagada nos espaços sociais tem reverberado nas representações midiáticas, que nada mais são, na maioria das vezes, reproduções das vivências humanas. Como exemplo disso, apresenta-se a série *The Handmaid's Tale*, a qual demonstra em sua trama uma reprodução incrível de como o machismo faz sofrer e inferiorizar as mulheres.

Uma vez que todas as mulheres da república de Gilead foram divididas em categorias contra suas próprias vontades, com o uso da força masculina e ainda sem nenhum direito a contestação, deu-se início um processo de anulação extrema do ser e existir mulher nessa sociedade desigual.

Em se tratando da categoria de Aias, a mais prejudicada de todas, o domínio masculino sobre seus corpos pode ser considerado surreal. Quando uma aia tem seu corpo usado sexualmente sem o seu consentimento, em outras palavras, estuprado, sua identidade e subjetividade ficam destruídas. Um sentimento de impotência invade suas existências, fazendo com que elas se sintam inferiores ou até mesmo merecedoras daquela punição, chegando a se questionarem o que fizeram de tão errado para merecer tamanho sofrimento.

Como se não bastasse, seus nomes de nascimento lhes são tirados para passarem a ser chamadas por um “nome” que transfere à um homem (no caso o Comandante), a propriedade sobre seus corpos. Completa-se assim então, o combo de possessão macabro concedido aos homens, no qual ele pode e deve ter uma mulher que é só sua e que irá satisfazer todos os seus desejos sexuais e muito mais, se assim ele quiser. E no final, todos eles sempre querem.

Em contraste ao papel ocupado pela Aia, o Comandante se apresenta como o intocável e supremo ser da cadeia social aqui abordada. Ao comandante tudo é permitido, e o que não é permitido, ele consegue fazer com que seja. A altivez, a superioridade, o destemor, o sucesso, todas essas características fazem parte da existência de um homem em Gilead.

Existir e ser homem na posição de Comandante em *The Handmaid's Tale*, é não precisar se abster de nenhum tipo de desejo, seja ele sexual, alimentar, intelectual e social. É ainda, ter o controle do mundo nas mãos, na certeza de ninguém poderá tomá-lo, já que foi o próprio Deus quem concedeu tamanha dádiva.

Dessa maneira, torna-se nítido o quanto a forma de se relacionar e de se organizar estabelecida em Gilead, possui uma estrutura completamente desigual em relação a categoria feminina. Sendo uma sociedade permeada por injustiça, intolerância, violência, subordinação, aprisionamento físico, material, moral, psicológico e social. Gilead pode ser definida como o “inferno na Terra”!

Surpreendentemente, a possibilidade de comparar Gilead ao inferno se mostra de certa forma irônica, uma vez que todos as leis e formas de se comportar são baseadas nos ensinamentos bíblicos, que têm por objetivos conduzir seus seguidores para o reino dos céus e não para o inferno.

Quando os personagens da série usam em seus diálogos as expressões “Sob o olho Dele”, “Que possa o Senhor abrir” e “Olho”, estão se referindo a Deus e demonstrando como as ações deles são ratificadas por ele. No entanto, ao mesmo tempo em que se dizem devotos do cristianismo, praticam atitudes que contrariam toda a lógica cristã adotada. Exemplificando nitidamente o ditado popular “Faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço”.

Além disso, a proibição ou o ato proibido, se mostra como uma pseudo proibição, haja vista a ineficácia e a constante desobediência por parte de todos os indivíduos pertencentes ao sistema. Na verdade, o que faz com que as pessoas acatem as leis e regras

são o uso da força armamentista, as mutilações físicas e conseqüentemente o medo de ser alvo de qualquer uma destas.

Contudo, concluiu-se com essa pesquisa que a série *The Handmaid's Tale*, reproduz brilhantemente as maneiras de se comportar baseadas na cultura machista. Nesse momento, nota-se diante de todos os resultados obtidos, que de fato a desapropriação do corpo feminino é fruto também das práticas machistas que ainda permeiam as formas de se relacionar socialmente, entre homens e mulheres.

Ainda têm-se, a urgência que esse conteúdo midiático carrega em seu enredo, despejando no telespectador sentimentos de horror e incredulidade, fazendo com que ele pense que esses comportamentos nunca aconteceriam na vida real. No entanto, é só olhar para o atual cenário da política brasileira e estadunidense, para perceber o quanto o que parece ficção, na verdade monta fatos verídicos.

Portanto, ao observar o quanto uma distopia escrita na década de 80 vigora nas formas de se relacionar entre homens e mulheres no ano de 2019, explicita-se o quanto ainda precisa-se falar sobre as desigualdades de gênero, de forma veemente e esclarecedora. Além disso, é importante destacar o quanto outros aspectos da série que vão para além do objetivo dessa pesquisa, representam simbolicamente o machista estrutural e enraizado.

Sendo assim, é possível e necessário, que outros pesquisadores que escolham como objeto de estudo *The Handmaid's Tale*, abordem outros detalhes da trama, como: o formato das roupas e de suas cores, a hierarquia social desigual em relação as questões de gênero, a trilha sonora, a fotografia e etc. Estes detalhes só afirmarão ainda mais, a hipótese e conclusão desse trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.1-24, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2011000200002>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p.451-478, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- CASIQUE, Leticia Casique; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: REFLEXÕES TEÓRICAS. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 14, n. 6, p.1-9, nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n6/pt_v14n6a18.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. **Psicanálise, Sexo e Gênero: algumas reflexões**. 2017. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/psicanalise-sexo-genero.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 1, n. 48, p.135-146, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?a-posicao-da-mulher-em-diferentes-epocas-e-a-heranca-social-do-machismo-no-brasil&codigo=A1095&area=D12C>. Acesso em: 19 abr. 2019
- COAN, Emerson Ike. MÍDIA ODIOSA, ALIENAÇÃO POLÍTICA E ESTRUTURA AUTORITÁRIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, n. 16, p.120-144, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/131910>>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- COSTA, Suely Gomes. MOVIMENTOS FEMINISTAS, FEMINISMOS. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.23-36, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2004000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- DIAS, Ana Cristina Garcia; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. REPRESENTAÇÕES DE MATERNIDADE DE MÃES JOVENS E SUAS MÃES. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p.63-73, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa09.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

ENCONTRO NACIONAL REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 2014, Rio de Janeiro. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Rio de Janeiro: Saberes e Práticas Científicas, 2014. 10 p. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A MULHER NA VISÃO DO PATRIARCADO. **Revista Fato&versões**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.3-16, jun. 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/3784126/A_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: REALIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 2, p.307-314, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas Salvador-Ba 2006**. 2006. 21 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Fundação Bahiana Para O Desenvolvimento das Ciências Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FRANÇA, Vera. "Sujeito da Comunicação, Sujeitos em Comunicação". In: **Na Mídia, Na Rua: Narrativas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000091&pid=S1982-2553201300030001800012&lng=pt>. Acesso em: 19 abr. 2019.

GUAZINA, Liziane. O CONCEITO DE MÍDIA NA COMUNICAÇÃO E NA CIÊNCIA POLÍTICA: DESAFIOS INTERDISCIPLINARES. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.49-64, dez. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/2469>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

GUEDES, Rebeca Nunes; SILVAII, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p.362-378, ago. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/7166/5075>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: Dp&a Editora, 2006. 102 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4135505/mod_resource/content/1/A%20Identidade%20Cultural%20na%20P%C3%B3s-Modernidade%20-%20Stuart%20Hall.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

HORNEY, K. (1933). **The denial of the vagina**. *The International Journal of Psychoanalysis*, 14, 57-70.

MAIA, Laura Rodrigues; CASCAES, Neide. **A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos**. 2017. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3896>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

MANCEBO, Deise. Globalização, Cultura e Subjetividade: Discussão a Partir dos Meio de Comunicação de Massa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.289-295, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722002000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 abr. 2019.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.243-264, set. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200017>. Acesso em: 19 abr. 2019.

MORIGI, Valdir José. TEORIA SOCIAL E COMUNICAÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, PRODUÇÃO DE SENTIDOS E CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS MIDIÁTICOS. **Compós**, Brasília, v. 1, n. 1, p.1-14, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>>. Acesso em: 19 abr. 2019

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 21, n. 1, p.13-38, set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. METODOLOGIAS FEMINISTAS E ESTUDOS DE GÊ. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p.647-654, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000300021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 abr. 2019.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. Relações de gênero: uma construção cultural que persiste ao longo da história. **O Público e O Privado**, Pernambuco, v. 1, n. 19, p.101-121, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=345>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

PEIXOTO, Aimê Fonseca; NOBRE, Barbara Paula Resende. A RESPONSABILIZAÇÃO DA MULHER VÍTIMA DE ESTUPRO. **Revista Transgressões**, Natal, v. 3, n. 1, p.227-239, maio 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7203>>. Acesso em: 19 abr. 2019

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.294-336, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100016>. Acesso em: 19 abr. 2019.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo**. Recife: S.o.s Corpo, 1993. 62 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1919>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Feministas libertárias: práticas contemporâneas de resistência**. Feministas Libertárias: Práticas Contemporâneas de Resistência: Anais Eletrônicos, 2013. 12 p. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373318622_ARQUIVO_FEMINISTASLIBERTARIASFG10.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, Denise Quaresma da; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, v. 31, n. 1, p.50-58, out. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007>. Acesso em: 19 abr. 2019

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da; SANTOS, Suely Emilia de Barros. O IMPACTO E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE. **Abrapso**, Vale do Ipojuca, v. 1, n. 1, p.1-7, dez. 2010. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%C3%BDdia.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, LiÉge de Jesus da. **O feminino e o feminismo sob o olhar da Psicanálise**. 2016. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2106. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/4293>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.241-252, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532014000100020&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, Tatiana Fragoso Galdino da. Netflix e suas Séries: Rompendo Com A Indústria Cultural? In: 41° CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Joinville: Intercom, 2018. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1184-1.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014. 630 p. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16349>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

VERZONI, André; LISBOA, Carolina. FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEAS E AS ESPECIFICIDADES DA GERAÇÃO Y. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p.457-466, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5118>>. Acesso em: 19 abr. 2019